

## **MEIOS DE COMUNICAÇÃO E ACELERAÇÃO SOCIAL: RELAÇÕES ENTRE AS TRANSFORMAÇÕES DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E A PERCEPÇÃO DO TEMPO NA HIPERMODERNIDADE**

**MEDIA AND SOCIAL ACCELERATION: RELATIONSHIPS BETWEEN THE TRANSFORMATIONS OF THE MEDIA AND THE PERCEPTION OF TIME IN HYPERMODERNITY**

*Patricio Dugnani<sup>1</sup>*

### **Resumo:**

Pretende-se neste artigo, discutir sobre a relação do uso dos meios de comunicação e a produção de uma aceleração social na Hipermodernidade. Esse debate será baseado em duas frentes, a teoria dos meios de Marshall McLuhan e as questões sobre aceleração social de Hartmut Rosa. Partindo dessas teorias, busca-se entender como o uso dos meios de comunicação afeta a percepção do tempo do humano hipermoderno. Trata-se, então, de fazer uma revisão bibliográfica de conceitos e uma pesquisa exploratória dessas duas frentes de pensamento, para verificar as relações entre os meios de comunicação e a aceleração, partindo-se da hipótese de que o uso desses meios afeta a percepção do tempo na Hipermodernidade. Justifica-se esse cruzamento teórico entre a teoria dos meios de McLuhan e o conceito de aceleração apresentado por Rosa, pois essa visão pode servir para analisar diversos fenômenos sociais que se destacam na sociedade hipermoderna, tendo em vista que aproxima a questão da percepção do tempo, com a questão das transformações causadas pelo uso dos meios de comunicação.

**Palavras-chave:** Meios de Comunicação, Aceleração Social, Hipermodernidade.

### **Abstract:**

The aim of this article is to discuss the relationship between the use of the media and the production of social acceleration in Hypermodernity. This debate will be based on two fronts, Marshall McLuhan's media theory and Hartmut Rosa's questions about social acceleration. Based on these theories, we seek to understand how the use of media affects the hypermodern human's perception of time. It is, therefore, a bibliographical review of concepts and exploratory research on these two fronts of thought, to verify the relationships between the means of communication and acceleration, starting from the hypothesis that the use of these means affects the perception of time in Hypermodernity. This theoretical crossover between McLuhan's media theory and the concept of acceleration presented by Rosa is justified, as this vision can serve to analyze various social phenomena that stand out in hypermodern society, considering that it brings the issue of time perception closer together, with the issue of transformations caused by the use of the media.

**Keywords:** Media, Social Acceleration, Hypermodernity.

---

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação e Semiótica. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Email: [patricio.dugnani@gmail.com](mailto:patricio.dugnani@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1134091744808680>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7877-4514>

## Introdução

O que é o tempo? Essa é uma pergunta das mais incômodas, a qual é possível encontrar inúmeras respostas. O tempo pode ser visto como uma dimensão do presente (FIORIN, 1996), uma flexão verbal, uma medida, um fenômeno físico, invenção humana, o relógio etc. Embora seja possível denominar o tempo de diferentes maneiras, não é o foco desse artigo definir o conceito de tempo, mas entender como a percepção do tempo é alterada pelo uso dos meios de comunicação. No entanto, o tempo será pensado aqui, como uma representação, criada pelo ser humano em suas relações sociais com o meio ambiente (DUGNANI, 2019). Essa representação serve para ilustrar a ideia de passagem, de transitoriedade. Ou seja, o tempo está sempre em movimento.

Embora a percepção do tempo leve os seres humanos a entender que esse fenômeno está sempre em movimento, essa sensação não é constantemente percebida da mesma maneira. O tempo não é sentido de maneira uniforme. Essa percepção sofre alterações conforme a época, a emoção, entre outros fatores (BERNARDINO, OLIVEIRA, MORAES, 2020). Partindo-se desse princípio, afirma-se que no momento contemporâneo da Hipermodernidade, a percepção do tempo tem sido descrita como sendo mais acelerada. Porém, nesse momento em particular, é preciso reconhecer que há uma exceção nessa afirmação, mas por um motivo bastante considerável: a pandemia de covid-19 que assola o globo terrestre. Durante a pandemia, que ainda permanece, em algumas pesquisas, como a realizada por Filgueiras e Stults-Kolehmainen (2020), é perceptível o aumento na quantidade de pessoas que se sentem ansiosos, como destaca Dugnani (2020).

A questão do aumento dos casos de depressão e ansiedade pode ser verificada através de uma pesquisa realizada pelo Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e coordenada pelo Prof. Alberto Filgueiras. Segundo a pesquisa, entre os meses de março e abril de 2020, o percentual de indivíduos que indicaram sintomas de depressão aumentou exponencialmente, saindo de 4,2% em março, para 8,0% em abril. Já, com os casos de crise de ansiedade, os dados foram de 8,7% em março, para 14,9% em abril (FILGUEIRAS e STULTS-KOLEHMAINEN, 2020; SAMPAIO, 2020; UERJ, 2020 e CNN, 2020). Ou seja, no período de isolamento, os casos de depressão e ansiedade praticamente dobraram. Observando esse aumento, acredita-se que um dos responsáveis por ele (não o único) é o processo de desaceleração sofrido pela população por causa da pandemia de Covid-19. (DUGNANI, 2020, 227-228)

Acredita-se que a sensação de desaceleração, devido as mudanças nas rotinas a que foram impostos, pelas medidas de isolamento, para o controle da transmissão, são, também, responsáveis por essa sensação (Dugnani, 2020). Embora não seja desprezível essa questão, para esse artigo, será considerada como momento transitório, correndo-se o risco de que, futuramente, seja necessário, como ocorre em qualquer debate, de alguma revisão, pois ainda não é possível calcular totalmente os efeitos permanentes que a pandemia de covid-19 irá deixar no cotidiano humano.

Nesse sentido, a percepção do tempo na Hipermodernidade, de modo geral, tem sido sentida de maneira mais acelerada, concordando com a visão de Hartmut Rosa (2019). Para Rosa (2019) essa alteração tem como uma das suas causas (entre tantas outras), a transformação e o uso dos meios de comunicação. Dessa forma, afirma-se nessa análise que a transformação dos meios de comunicação e

seu uso, interferem com a percepção de tempo, conseqüentemente produzindo no humano da Hipermodernidade uma percepção de tempo mais acelerada.

Por causa dessa hipótese é que a argumentação será baseada no cruzamento de duas frentes de pensamento básicos, a teoria dos meios de Marshall McLuhan (2016) e as questões sobre aceleração social de Hartmut Rosa (2019). Partindo dessas duas bases, busca-se entender como as revoluções tecnológicas dos meios de comunicação, (principalmente dos meios elétricos e digitais) afetam a percepção do tempo do humano da Hipermodernidade, produzindo uma sensação de aceleração da passagem desse tempo e sua respectiva compressão (ROSA, 2019 e HARVEY, 1996).

Trata-se, então, no sentido metodológico, de fazer uma revisão bibliográfica de conceitos dessas duas frentes de pensamento, para verificar as relações entre meios de comunicação e a aceleração, partindo-se da hipótese de que o uso desses meios afeta a percepção do tempo do humano da Hipermodernidade.

No entanto, antes de mais nada, cabe uma explicação conceitual, em relação ao uso do termo Hipermodernidade. Concordando com Gilles Lipovetsky (2004), nesse artigo, se dará preferência pela utilização do termo Hipermodernidade, para conceituar a contemporaneidade, em detrimento do termo mais usual: Pós-modernidade. Essa escolha parte do entendimento de que a contemporaneidade se caracteriza como sendo, mais do que uma ruptura com a Modernidade (conforme indica a nomenclatura Pós-modernidade), mas sim, trata-se de uma intensificação dos processos modernos, ou seja, uma aceleração da Modernidade. Por isso, a contemporaneidade será denominada como Hipermodernidade. Além disso, esse termo, Hipermodernidade, entra em consonância com a visão da contemporaneidade de Rosa (2019), que entende esse momento como uma Modernidade tardia, uma Modernidade acelerada, uma Hipermodernidade.

## Hipermodernidade e aceleração social

A Hipermodernidade, termo usado por Rosa (2019) para identificar o momento histórico presente, em detrimento ao termo mais comum Pós-modernidade, identifica a contemporaneidade, não como um novo período cronológico e cultural, mas sim como uma aceleração da própria Modernidade. Sendo assim, Rosa, em seu livro *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade* (2019), estuda profundamente essa relação da percepção do tempo, a aceleração e as transformações causadas por esse fenômeno.

Primeiramente, conceituo o processo de aceleração aqui exposto como sintoma e consequência da circunstância de serem as sociedades modernas capazes de se estabilizar apenas dinamicamente, de serem sistemática e estruturalmente dispostas a crescer, transformar-se e acelerar-se sempre mais para poder conservar sua estrutura e estabilidade. Em segundo lugar, comecei a elaborar sistematicamente o conceito de ressonância, até aqui apenas insinuado, como contraconceito à alienação [*Entfremdung*], e, com ele, a propor uma nova medida para a vida bem-sucedida (ROSA, 2019, p. 09).

Para Rosa, a percepção do tempo, ou melhor, a percepção de aceleração do tempo tem promovido mudanças nas relações sociais, e um dos fatores de mudança está relacionado ao desenvolvimento tecnológico dos meios de

comunicação, fator de destaque para esse artigo. No próximo capítulo, baseado na frase clássica e polêmica de McLuhan (2016), o meio é a mensagem, pretende-se repensá-la como sendo o tempo uma mensagem.

Porém, antes desse cruzamento dos conceitos de Rosa (2019) com a teoria dos meios de McLuhan (2016), torna-se importante entender a questão das formas de aceleração classificadas pelo primeiro autor. Para Rosa (2019) são três tipos de aceleração social que marcam o momento contemporâneo da Hipermodernidade: aceleração tecnológica, aceleração das mudanças sociais e aceleração do ritmo de vida.

A primeira categoria de aceleração, a tecnológica, se baseia no desenvolvimento das novas tecnologias e os efeitos que provocam na relação entre a percepção do tempo e os seres humanos. Para Rosa (2022) essa aceleração produz uma compressão do tempo e do espaço. Essa relação entre tempo e espaço se constrói socialmente na percepção humana, e está relacionada à passagem do tempo, conforme o ser humano se localiza no espaço. Nesse sentido a evolução tecnológica dos meios de comunicação, assim como dos meios de transporte, causam um estranhamento da percepção desses fenômenos, para o ser humano. Cada vez mais, por exemplo, estamos ocupando diferentes espaços ao mesmo tempo. Isso ocorre, pois os meios de comunicação digitais, unidos à internet, são capazes de presentificar nossos sentidos em diferentes espaços virtuais concomitantemente. Com isso acabamos realizando múltiplas tarefas em diferentes espaços, o que causa uma sensação de aceleração e a consequente impressão de distância reduzida, de espaço comprimido. A compressão espaço/tempo.

A segunda categoria descrita por Rosa (2022) é a aceleração das mudanças sociais, e a compressão do presente. Essa categoria está relacionada à primeira, pois conforme ocorre a aceleração tecnológica, ela acaba por pressionar as estruturas sociais, causando uma aceleração nas atividades humanas e, consequentemente, produzindo mudanças sociais de maneira mais veloz.

Quando observado esse fenômeno pelo viés dos meios de comunicação, percebe-se que a aceleração das trocas de informação, produzem uma ampliação do horizonte de experiências humanas, provocando transformações mais rápidas no âmbito social e cultural.

Por causa do imediatismo e do efeito de ubiquidade, ou seja, a sensação de estar presente em todos os lugares, essa aceleração produz no sujeito hipermoderno uma sensação de urgência, uma necessidade de ter todas as experiências ao mesmo tempo, no momento presente. Por isso o presente fica comprimido e concentrado, muitas vezes, na busca em saciar todos os prazeres agora, além da necessidade de sentir todas as sensações de modo imediato, sem profundidade. O sujeito hipermoderno sofre de um hedonismo constante e de um apetite voraz e quase insaciável por novas experiências (LIPOVETSKY, 2007). O presente fica comprimido entre um futuro sem projetos, sem esperas, e pela saudade de um passado que sequer viveu, mas que desejava. Esse passado projetado como uma utopia não vivida, é denominado, por Zygmunt Bauman (2017), como retrotopia.

Esses rompimentos temporais, juntamente com a aceleração tecnológica tem produzido a aceleração das mudanças sociais, e provocado essa mudança na percepção do tempo para o humano da Hipermodernidade, onde o futuro é incerto, o presente instantâneo, múltiplo, e o passado se tornando uma fonte de referências, de certezas perfeitas e duradouras, uma utopia. Ou melhor, uma retrotopia. (DUGNANI, 2024, p. 6)

Finalmente, a última categoria descrita por Rosa (2022), é a aceleração do ritmo de vida e a compressão das experiências, o embotamento das vivências. Como o ritmo de vida sofre uma aceleração (consequência da evolução das novas tecnologias e das mudanças sociais, como foi dito anteriormente) o sujeito hipermoderno fica ansiosamente preso à sua voracidade em devorar novas experiências. No entanto, como em qualquer apetite insaciável (LIPOVETSKY, 2007), ou como qualquer vício, a cada experiência sentida, ao invés de saciar seu apetite, apenas aguça, pois ao invés de sentir essa experiência, acaba, muitas vezes registrando, e esperando pela próxima, que deve ser mais intensa que a anterior. Logo, a busca por experiências cada vez mais intensas, principalmente para registrar nas redes sociais, leva o sujeito hipermoderno para um embotamento dos sentidos, pois precisa cada vez mais de experiências mais intensas, para poder sentir mais profundamente, pois seus sentidos se tornam cada vez mais amortecidos. Esse amortecimento se dá pelo excesso de experiências concentradas no presente, produzindo a compressão das mesmas.

Observada essa classificação, percebe-se que essas categorias de acelerações e compressões descritas por Rosa (2019), estão relacionadas a evolução das tecnologias, principalmente, dos meios de comunicação. Esse ponto é que se pretende aprofundar no próximo capítulo, a relação entre a aceleração de Rosa (2019), e a transformação que os meios de comunicação imprimem na sociedade de McLuhan (2016). Entende-se que o cruzamento dessas duas visões, podem trazer reflexões importantes para o estudo da sociedade hipermoderna, por isso merecem uma atenção mais acurada para análise.

### **Meios de comunicação e aceleração social**

Após observar a classificação de Rosa (2019) sobre os tipos de aceleração social, agora é importante aprofundar a compreensão da relação entre meios de comunicação e aceleração.

Mas qual a relação entre meios de comunicação e aceleração?

Para responder essa questão, é preciso partir de duas ideias básicas desenvolvidas por McLuhan (2016):

- a) Meios de comunicação como extensões do humano
- b) O meio é informação pura, o meio é mensagem.

Quando McLuhan lança seu livro *Meios de Comunicação como extensões do Homem* (2016), deixa explícito no título, um dos seus conceitos centrais: o da extensão.

Mas o que significa meios como extensões do humano?

O autor canadense, focando seus estudos nas transformações produzidas na sociedade, pela invenção, introdução e uso dos meios de comunicação, acaba por ampliar os objetivos e funções desses meios para o ser humano.

Antes os meios de comunicação eram vistos como aparelhos transmissores, mero suportes materiais da mensagem. Embora fossem fundamentais para o processo de comunicação, acabavam sendo analisados por um viés mais técnico, do que social. McLuhan (2016), com sua teoria dos meios, amplia as funções sociais dos meios de comunicação, fazendo com que passem de meros transmissores, para extensões dos seres humanos.

Os meios de comunicação são extensões do humano, pois ampliam – estendem – a percepção humana. Aumentam o alcance dos sentidos. Projetam esses sentidos para além de seu alcance natural, rompendo, assim, os limites físicos e biológicos dos sentidos. Com essa ação, acabam por desestruturar a percepção de tempo e espaço humano, como afirma Mcluhan (2016).

Durante as idades mecânicas projetamos nossos corpos no espaço. Hoje, depois de mais de um século de tecnologia elétrica, projetamos nosso próprio sistema nervoso central num abraço global, abolindo tempo e espaço (pelo menos naquilo que concerne ao nosso planeta). Estamos nos aproximando rapidamente da fase final das extensões do homem: a simulação tecnológica da consciência, pela qual o processo criativo do conhecimento se estenderá coletiva e corporativamente a toda a sociedade humana, tal como já se fez com nossos sentidos e nossos nervos através dos diversos meios e veículos. (MCLUHAN, 2016, p. 16)

Com os meios de comunicação é possível enxergar para além do limite dos olhos, escutar para além dos limites dos ouvidos, perceber e sentir para além dos limites biológicos impostos pelo corpo humano. Por isso, para Mcluhan (2016), os meios de comunicação são extensões dos sentidos humanos.

Porém, como observa-se acima, na afirmação de Mcluhan (2016), devido à capacidade dos meios de estenderem a percepção humana, essa extensão acaba “abolindo tempo e espaço” (MCLUHAN, 2016, p. 16). Nesse sentido, a afirmação do estudioso canadense, corrobora a opinião de Rosa (2019) e uma hipótese desse artigo: Os meios de comunicação como extensão do humano, produzem alterações na percepção humana de tempo.

Mas quais os motivos para os meios alterarem a percepção de tempo do ser humano na sociedade?

Os meios de comunicação, como estendem a percepção, levam o ser humano a ter mais experiências, ter mais contatos com acontecimentos mundiais, acessar mais informações num tempo muito mais curto, ou, até mesmo, de maneira concomitante. Os seres humanos, agora, com seus sentidos expostos, quase que ininterruptamente pelos meios de comunicação, acessam muito mais informações, de lugares cada vez mais distantes, e em muito maior quantidade. Esse fenômeno acaba acelerando, segundo Rosa (2019), o ritmo de vida dos seres humanos, pois aceleram o ritmo das mudanças sociais, devido, também, a aceleração da evolução tecnológica, principalmente, dos meios de comunicação.

Nesse primeiro cruzamento, já é possível perceber que a questão da aceleração da Hipernmodernidade de Rosa (2019) se aproxima da teoria dos meios de Mcluhan (2016). A aceleração tecnológica introduzida pelos meios de comunicação, produzem transformações na sociedade, inclusive, uma nova percepção de tempo e espaço.

Outro fator importante para se destacar nessa relação entre extensão dos meios de comunicação e aceleração na Hipernmodernidade, é a quantidade de informações que o ser humano acessa, quando tem seus sentidos ampliados. E esse fator se relaciona diretamente com a segunda ideia que se pretende destacar de Mcluhan (2016): o meio é a mensagem.

O meio é a mensagem foi uma frase das mais polêmicas do autor canadense, pois rompia, naquele momento, com a ordem funcionalista de representação do processo de comunicação. Afinal, no sentido clássico, meio é o suporte material da mensagem (da informação), tendo como função principal a de transmissão dos conteúdos organizados pelo emissor através de um código. Já a mensagem, era o

conteúdo, propriamente dito, a informação organizada pelo emissor através de um código, para ser transmitida por um meio de comunicação, para que um receptor pudesse acessar.

Como então McLuhan (2016) poderia fazer essa afirmação, não estaria incorreta?

No sentido clássico, realmente essa afirmação estaria incorreta, não teria sequer sentido, pois meio é meio, mensagem é mensagem. No entanto, McLuhan (2016) encontra um ponto de ligação, uma semelhança entre meio e mensagem: os meios de comunicação são mensagens quando se observa que ambos produzem transformações na sociedade, nos seres humanos, e em todas as estruturas organizadas, culturalmente, ou tecnologicamente pela civilização humana. Essa ligação faz mais sentido, quando o autor canadense afirma que o meio é informação pura.

Tomando o conceito de informação, apresentado por Teixeira Coelho (2012), pode-se intuir que informação é um conteúdo que altera comportamento e consciência no ser humano. Ou seja, a mensagem, ou a informação não são meros conteúdos linguísticos, projetados por um emissor, através de um código, para um receptor; mas são fenômenos muito mais poderosos, pois o seu efeito é a transformação causada na vida humana.

Logo, cada informação produz uma alteração de comportamento e consciência no ser humano, por menor que seja, ou mais simples que se apresente. Como exemplo, a simples informação sobre o tempo - que horas são? - dada por alguém que observa o relógio, já altera o comportamento humano, produzindo, em alguns momentos, ansiedade e pressa, ou, simplesmente, a consciência da marcação social do tempo: são 8 horas e 37 minutos.

Logo, meio é mensagem, é informação, pois ambos alteram o comportamento e a consciência humana. Porém, ainda para McLuhan (2016), os meios não são somente informação, mas informação pura. Essa diferença apontada pelo autor canadense é para justificar que os meios, para além das relações linguísticas e semânticas da mensagem, são informações puras. Ou seja, os meios não são informações porque transmitem as mensagens, ou são organizados por um código, mas porque simplesmente existem, ou melhor, foram inventados e são utilizados pelos seres humanos. A simples utilização dos meios, para além das informações que transmitem, já produzem transformações na sociedade. Por isso, para McLuhan (2016) o meio é informação pura.

Com essas ideias, ele ampliou, não somente as funções, como os objetivos dos meios de comunicação. Além disso, também ampliou a própria classificação do que se entendia por meios de comunicação, os quais, outrora, se classificavam como sendo transmissores de mensagens, e que agora são extensões da percepção humana. Sendo assim, para além da classificação clássica dos meios de comunicação como sendo a TV, rádio, meio impresso, fala, escrita etc.; surgem novos meios apresentados por ele, como: o relógio, os números, as lentes etc.

Partindo dessa observação, é possível afirmar que o tempo é mensagem, é informação pura, é extensão da percepção humana.

Na verdade, não é, somente, o tempo em si, fenômeno social projetado sobre um fenômeno natural, que é informação pura; mas a percepção humana do tempo, e a busca em medir, dimensionar, classificar, ordenar, civilizar, controlar esse fenômeno, é que é um meio, uma informação pura. O relógio, por exemplo, é informação pura, é mensagem para McLuhan (2016).

Assim como a grande revolução na Matemática se deu quando foram descobertos os números em tandem, ou posicionais (302 em lugar de 32 etc.), assim grandes mudanças culturais ocorreram no Ocidente quando se descobriu a possibilidade de fixar o tempo como algo que acontece entre dois pontos. Desta aplicação de unidades visuais, abstratas e uniformes, nasceu o nosso sentimento do tempo como duração. Desta divisão do tempo em unidades visualisáveis e uniformes vem o nosso sentido de duração e a nossa impaciência, quando não podemos suportar a delonga entre os acontecimentos. Este sentido de impaciência, ou do tempo enquanto duração, é desconhecido nas culturas não-letradas. Assim como o trabalho começou com a divisão do trabalho, a duração começa com a divisão do tempo e especialmente com aquelas subdivisões pelas quais os relógios mecânicos regem a sucessão uniforme do sentido temporal. Como obra de tecnologia, o relógio é uma máquina que produz segundos, minutos e horas em linha de montagem. Processado desta forma uniforme, o tempo se vê separado dos ritmos da experiência humana. Em suma, o relógio mecânico contribui para criar a imagem de um universo numericamente quantificado e mecanicamente acionado. (MCLUHAN, 2016, 168-169)

Sendo o relógio (ou qualquer maneira de dimensionar o tempo mediante a percepção humana) uma informação pura, ele produz, segundo a teoria dos meios, alterações no comportamento e na consciência humana.

O tempo medido, não segundo a singularidade da experiência privada, mas segundo unidades abstratas e uniformes, gradualmente foi penetrando no sentido da vida, tal como sucedeu com as tecnologias da escrita e da imprensa. Não apenas trabalhar, mas também comer e dormir, acabaram por se acomodar mais ao relógio do que às necessidades orgânicas. A medida que o padrão da medida uniforme e arbitrária do tempo se foi difundindo por toda a sociedade, até a roupa começou a sofrer alterações anuais, para atender às conveniências da indústria. Nesta altura, naturalmente, a medida mecânica do tempo estabelecida como princípio de conhecimento aplicado juntou suas forças à da imprensa e da linha de montagem, outros meios de fragmentação uniforme dos processos. (MCLUHAN, 2016, 169)

Sendo assim, sabe-se que os meios, as informações que eles transmitem, e as extensões que eles promovem, sofreram uma aceleração tecnológica, conseqüentemente, aumentando a quantidade de informações que os seres humanos acessam num menor período de tempo, acelerando, assim, as mudanças sociais e o ritmo de vida da própria sociedade. Com isso, é possível afirmar que; com o desenvolvimento tecnológico dos meios e a ampliação de seu potencial de extensão da percepção, junto com o aumento da quantidade disponível de informação em menos tempo; tem produzido mudanças cada vez mais constantes e rápidas na sociedade, traduzindo e confirmando a aceleração e as transformações que esse processo imprime na sociedade, como afirma Rosa (2019).

### Considerações finais

Aceleração e compressão. Aceleração tecnológica e compressão do espaço/tempo. Aceleração das mudanças sociais e a compressão do presente. Aceleração do ritmo de vida e a compressão das experiências: essas são as visões de Hartmut Rosa (2019) para entender o processo de aceleração a Hipermodernidade. Partindo dessa classificação, como exposto anteriormente, encontra-se uma outra relação profunda entre a aceleração na Hipermodernidade e a questão dos meios de comunicação. A aceleração tecnológica, que afeta, também, os meios de

comunicação, comprimem a relação espaço/ tempo, as mudanças na sociedade e o ritmo de vida, levam o humano hipermoderno a encontrar nas transformações cada vez mais rápidas, a sensação de incerteza, além de encontrar na compressão das experiências, o embotamento dos sentidos, como afirma Olgária Matos (2007), criando um tempo sem experiência.

Nesse sentido, concordando com a teoria dos meios de Mcluhan (2016), os meios de comunicação se tornam protagonistas das transformações sociais, conseqüentemente, do processo de aceleração na Hipermodernidade. Afinal, o meio é mensagem, para Mcluhan (2016), o meio é informação pura, pois ambos, tanto informação como meio, são catalizadores de mudanças na sociedade. Sendo assim, os meios se tornam alicerces, tanto para as transformações na sociedade, como das acelerações e das conseqüentes compressões produzidas por esse processo, conforme apresenta Rosa (2019).

Com essas reflexões se torna possível relacionar a transformação produzida pela invenção e uso dos meios de comunicação, com o processo de aceleração tecnológica, das mudanças sociais e do ritmo de vida, ou seja, foi possível observar esse fenômeno, pelo cruzamento da teoria dos meios de Mcluhan (2016) e do conceito de aceleração na Hipermodernidade identificada por Rosa (2019).

Esse cruzamento teórico entre a teoria dos meios de Mcluhan (2016) e o conceito de aceleração na Hipermodernidade apresentado por Rosa (2019) podem servir para analisar diversos fenômenos sociais que se destacam na sociedade contemporânea, tendo em vista que aproxima tanto a questão percepção do tempo, como das transformações causadas pelo uso e implementação de novos meios de comunicação na sociedade hipermoderna (DUGNANI, 2023).

Essas relações podem trazer novas perspectivas de análise para problemas que afligem a sociedade hipermoderna, como a ansiedade, a sensação de cansaço e de aparente incapacidade de acompanhar as mudanças, tanto sociais, como tecnológicas. Por isso, pretende-se ainda, partindo dessa mesma base teórica, analisar outros fenômenos que se destacam na Hipermodernidade.

## Referências

BAUMAN, Z. *Retrotopia*. Rio de Janeiro: Zahar. 2017.

BERNARDINO, L. G., OLIVEIRA, F. S. de, MORAES, R. de. O papel da emoção na percepção de tempo. Uma revisão sistemática do estado da arte. *Cérebro & Mente: Interações*, v. 14 n. 3. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/30383>.

COELHO, J. T. *Semiótica, Informação e Comunicação*. São Paulo: Perspectiva. 2012.

DUGNANI, P. Seriado e Aceleração: Compressão do espaço e tempo na Hipermodernidade: Série e Aceleração: Compressão do Espaço e do Tempo na Hipermodernidade. *Razão e Palavra, [S. l.]*, v. 27, não. 116, pág. 119–131, 2023. DOI: 10.26807/rp.v27i116.2002. Disponível em: <https://www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/2002>.

DUGNANI, P. Hipermodernidade e a desaceleração do ritmo de vida provocada pela pandemia de Covid-19. *Revista Comunicação & Inovação*, v. 21 n. 47. 2020.

Disponível em:

[https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/7117/3190](https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/7117/3190).

DUGNANI, P. Visões do Tempo: reflexões sobre as representações do tempo. *Revista Brasileira de História da Mídia*, VOL. 8 | No 2 | jul./dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/9266>.

FILGUEIRAS, A. e STULTS-KOLEHMAINEN, M. *The Relationship Between Behavioural and Psychosocial Factors Among Brazilians in Quarantine Due to COVID-19*. 2020. Disponível: [https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=3566245](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3566245).

FIORIN, J. L. *As Astúcias da Enunciação*. São Paulo: Ática, 1996.

LIPOVETSKY, G. *Felicidade Paradoxal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MATOS, O. *Tempo sem Experiência*. Território do Conhecimento. Youtube. 2007. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=pVXl6c\\_MiAM&t=1880s](https://www.youtube.com/watch?v=pVXl6c_MiAM&t=1880s).

MCLUHAN, M. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. Cultrix: São Paulo, 2016.

ROSA, H. *Aceleração e Alienação*. Vozes: Petrópolis, 2022.

ROSA, H. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade*. São Paulo: Unesp, 2019.

Recebido em: 03/2024  
Aprovado em: 09/2024